

## **JOVENS E JUVENTUDES SERGIPANAS: EM BUSCA DE IDENTIFICAÇÕES**

Maria Aparecida Souza Couto  
Universidade Federal de Sergipe  
Bolsista CAPES  
[cidabasc@hotmail.com](mailto:cidabasc@hotmail.com)

### **RESUMO**

A proposta deste artigo é apresentar reflexões decorrentes do processo de construção do marco teórico da pesquisa de doutorado ora em andamento quando se fez necessário conceituar a faixa etária de alunas e alunos do ensino médio regular da escola pública do município de Aracaju. Para tanto, recorre-se à pesquisa que teve por objetivo recolher e analisar dados quantitativo e qualitativos que possibilitassem melhor entender o que são, como vivem e o que pensam os jovens sergipanos na sua diversidade. Os resultados permitem identificar que a juventude começa pelos 12 e termina pelos 25 anos de idade; preocupados com a falta de emprego e de segurança, ligados à família definem-se através da moda, da aparência, da música, e da linguagem. Este retrato permite a identificação geral dos jovens da amostra com a qual se irá trabalhar.

**Palavras-chave:** Juventudes, Pesquisa, Sergipanos.

### **ABSTRACT**

The purpose of this paper is to present ideas from the process of construction of the theoretical framework of doctoral research now under way when it was necessary to conceptualize the age group of high school students from the public school in the city of Aracaju. The article draws on a research that is aimed to collect and analyze quantitative and qualitative data that would enable better understanding of what they are, how they live and what they think the young people Sergipe in its diversity. The results suggest that youth begins by 12 and ends by 25 years of age; concerned about the lack of jobs and security, associated with the family define themselves through fashion, appearance, music, and language. This picture allows the identification of youth in the general sample with which it will work.

**Keywords:** Youth, Research, Sergipe.

## **Elementos para a Compreensão do Conceito de Juventude**

Para dar prosseguimento à pesquisa de doutorado, em fase exploratória, cujo objetivo é identificar as representações de masculinidades e feminilidades existentes entre alunos e alunas do ensino médio de uma escola da rede pública de ensino da cidade de Aracaju, tendo como amostra alunos e alunas na faixa etária entre 15 e 24 anos de idade, necessário se faz estabelecer um marco teórico capaz de elucidar as categorias basais com as quais se irá lidar durante o processo de pesquisa.

Toda pesquisa necessita de conceitos que se tornam referenciais interpretativos da investigação. Através de conceitos e definições norteiam-se os caminhos a serem seguidos durante o processo investigativo. Geralmente são ideias concebidas por diversos autores/as e com as quais o pesquisador/a concorda, parcial ou integralmente, tecendo assim a trama teórica que dará sustentação ao desvendamento do objeto da pesquisa e que irão guiá-lo/la na busca pelo conhecimento novo. Não é diferente com o termo juventude. Termo contemporâneo que busca conceituar um recorte geracional e/ou estilo de vida, está envolto em contradições que dificultam uma conceituação unívoca. Para trabalhar com este conceito uma ideia precisa ser recrutada para compreendê-lo em suas variadas formas e expressões.

De acordo com Secretaria Nacional de Juventude, o Brasil tem 48 milhões de habitantes entre 15 e 29 anos, dos quais 34 milhões têm entre 15 e 24 anos. É nesta faixa etária que se encontra a parte da população brasileira atingida pelos piores índices de desemprego, de evasão escolar, de falta de formação profissional, mortes por homicídio, envolvimento com drogas e com a criminalidade.

E como se apresenta na contemporaneidade, o/a jovem sergipano/a? Em busca do desvendamento desta população recorreremos à pesquisa realizada pelo professor Dr. Bernard Charlot sobre os jovens sergipanos em 2005 a qual teve por objetivo recolher e analisar dados quantitativo e qualitativos que possibilitassem melhor entender o que são, como vivem e o que pensam os jovens na sua diversidade.

Essa pesquisa constituiu-se numa abordagem empírica e descritiva dos jovens habitantes de todo o Estado de Sergipe, sua interpretação baseia-se em dados quantitativos e qualitativos; como instrumentos/técnica utilizou-se a aplicação de questionários a 3.053 jovens, na faixa etária entre 15 e 29 anos de idade composta por 47% de homens e 52,4% de

mulheres, em 24 municípios distribuídos em todo o estado, - formando uma “amostra representativa da população alvo da pesquisa”. Os dados coletados foram posteriormente aprofundados através da interação proporcionada pelos grupos focais. Fundamentalmente buscou levar em consideração os diversos tipos de jovens existentes no território sergipano. O pesquisador anuncia logo no início do relatório de pesquisa a dificuldade em definir juventude, optando por considerar juventude o período de vida entre 15 e 29 anos de idade. Contudo, esclarece que este conceito deverá ser melhor explicitado pela fala dos próprios jovens envolvidos na pesquisa.

Assim, entende que se há dificuldade em definir tal termo é porque ele apresenta características que tolhem sua definição. Coloca como primeira característica considerar a juventude como movimento dialético no qual o seu contrário é a maturidade. Assim, ao se pensar a juventude necessário se faz pensar junto o seu contrário. Isto porque

Os jovens são herdeiros e inovadores, fracos e fortes, perigo e promessa, violência e inocência, desemprego e desenvolvimento, droga e pureza, dependência e disponibilidade, ou seja, para resumir o conjunto das contradições, os jovens são ao mesmo tempo problema e solução. (CHARLOT, 2006, p. 2).

Uma outra característica que dificulta a conceituação da juventude é que o conceito exige ao mesmo tempo o uso do singular e do plural. Sabe-se que existem diferentes tipos de jovens mas também sabe-se que existem elementos comuns a todos os jovens. Deste modo, além da cultura do jovem, dos traços comuns às várias culturas jovens, sempre há pelo menos uma característica comum a todos.

Os jovens são diferentes, mas têm em comum o fato de serem considerados como jovens e de ter de lidar com a relação com os adultos. Essa relação com os adultos, relações entre gerações enraizada na condição antropológica e moldada pelas relações sociais características de uma época, uma sociedade, uma posição social e de gênero, etc., é fundamental para se entender como são os jovens e o que é a juventude em um determinado lugar e momento da história. (CHARLOT, 2006, p. 3).

Este autor apresenta três abordagens consideradas por ele como complementares da questão dos jovens, da juventude, das juventudes, com o propósito de não sacrificar qualquer termo das contradições que permeiam a noção de juventude e lhe conferem especificidades.

Neste sentido, considera que do ponto de vista empírico e descritivo, não se encontra “a juventude”, encontram-se “jovens”. De acordo com essa abordagem os jovens são definidos como um grupo populacional, apresentando como maior problema decidir quais os limites inferior e superior do recorte geracional desse grupo. A UNESCO define a faixa etária entre os 15 e 24 anos destacando que no caso de áreas rurais ou de pobreza extrema, o limite se desloca para baixo e inclui o grupo de 10 a 14 anos, já em estratos sociais médios e altos urbanizados se amplia para cima e inclui o grupo de 15 a 29 anos.

Na segunda abordagem Charlot (2006) analisa a juventude como uma das etapas da vida e destaca que hoje temos três idades: juventude, maturidade e velhice. O que leva a considerar a maturidade como a fase central da vida e a juventude e a velhice como extremos que ocorrem antes ou depois da maturidade, cujas características são a fraqueza, dependência, responsabilidade amainada, mas com disponibilidade de tempo que não existe entre a maioria dos adultos, pois estes estão na idade produtiva, assume responsabilidades familiares e sociais. Entretanto assevera que este recorte em três períodos não trás muitas contribuições para quem se interessa pela juventude, sendo o mais pertinente o recorte temporal da vida em cinco períodos:

- A infância, imersão em uma determinada sociedade e cultura na condição humana, fase de estruturação básica da subjetividade. Tem início no nascimento e arrefece com as mudanças fisiológicas que dão início à adolescência (11/12 anos para as meninas e 12/13 anos para os meninos);
- A adolescência entre cerca de 12 anos e 15/16 anos, caracterizada por profundas modificações físicas, emocionais que modificam as formas que o indivíduo se relaciona com seu corpo, consigo mesmo, com o outro gênero com os pais, etc.;
- A “juventude”, considerada pelo autor paradoxal por ter de introduzir uma etapa entre a adolescência e a maturidade uma vez que, entre os 15/16 anos o ser humano atinge o fim do seu amadurecimento biológico e do desenvolvimento psíquico; tem a força física que atinge seu ápice pelos 20 anos; biologicamente o corpo começa a envelhecer a partir dos 30 anos. Sexualmente considera-se que a idade de maior energia natural é 20 anos entre os homens e 30 entre as mulheres. Intelectualmente o ser humano progride até o fim da vida, uma vez que o raciocínio se apóia nos conhecimentos adquiridos;

- A maturidade ou também chamada idade adulta. O autor considera que não há diferença estrutural entre o “jovem” e o adulto, apenas o que ele denomina de diferença “de uso”: o adulto já ocupa lugares socialmente definidos (tem um emprego ou um trabalho, ou é dona do lar, é casada, tem filhos), enquanto o jovem geralmente está a procura de um lugar no qual possa se apoiar. Ainda, é preciso distinguir entre o “jovem adulto” do “adulto maduro”. Esse ocupa lugares de poder com que este sonha. Esse está no topo e resiste à descida, enquanto este está subindo. O autor questiona: onde fica a fronteira entre os dois? Nos responde que depende das sociedades e da época. Na verdade, afirma, esses são assuntos que remetem a lutas simbólicas e ao poder das várias camadas sociais mais do que às diferenças físicas, psicológicas, intelectuais ou culturais.
- A “terceira idade” e, em seguida, a “quarta idade”. A nova denominação para identificar a velhice parece ser um pedido de desculpas. O idoso/a que ainda tem vigor e energia pertence agora à “terceira idade” e entrará na “quarta idade” apenas quando sofrer problemas de saúde tornando difícil manter uma vida autônoma. Na verdade a pessoa idosa é um adulto um pouco mais cansado e experiente do que os adultos de menor idade, mas entra na terceira idade quando sai do mercado de trabalho e/ou quando se aposenta.

Portanto,

não existe nenhum critério biológico ou psicológico seguro para recortar essa faixa etária em etapas. Desse ponto de vista, a juventude e a “terceira idade”, são, antes de mais nada, uma relação social. Contudo, essa repousa numa relação antropológica, a que ela dá uma forma social e historicamente determinada. (CHARLOT, 2006, p. 9)

Numa terceira perspectiva a juventude é abordada como uma relação antropológica e social onde destaca-se a especificidade humana dos vínculos afetivos mantidos com seus semelhantes assim como a certeza da morte necessária para que cada geração desapareça e dê lugar a uma nova geração, perpetuando assim a raça humana na terra. Neste processo há uma relação entre gerações envolvidas caracterizada em grande parte pela existência de sentimentos ambivalentes, onde crescimento e morte, apego e desapego, passado e futuro, tradição e inovação, ameaça e promessa mesmo a violência expressa em relações de amor e ódio muitas das vezes caminham juntos.

Por conseguinte, “é com base nessa relação antropológica entre gerações que constrói-se uma relação social, cujo conteúdo depende da forma geral das relações que estruturam uma determinada sociedade”. (CHARLOT, 2006, p. 10).

Este autor nos lembrar que até o século XVIII a criança e a fase da vida chamada infância não tinham a mesma conotação que tem hoje. A criança era tida como um ser cuja natureza malvada deveria ser transformado através da educação e dos castigos físicos como meios de discipliná-las, afastando-as das influências malignas que a cercavam. O modelo pedagógico então vigente estava de acordo com a sociedade da época que precisava ensinar aos jovens a controlar as emoções e a suportar as agruras da vida. Com o apoio da Igreja estes/as crianças eram envolvidas pelo ideal civilizatório pautado na disciplina e na regulação do comportamento infantil. A criança era considerada fraca por natureza, era preciso protegê-la das tentações, afastando-a da vida social. Este afastamento da criança do adulto ocorria entre os membros da nobreza e da burguesia, o pobre não tinha condições financeiras de afastar seus filhos e filhas enviando-os para conventos e internatos onde eram educados e preparados para entrar na vida adulta.

Áries (1981) nos mostra que a partir do século XVIII há uma mudança na relação do adulto e da sociedade para com a criança. Espera-se que ela desenvolva-se naturalmente até que o jovem possa governar-se pela razão. A criança passa a ter sua imagem vinculada à ideia de desenvolvimento, de progresso, de inovação, de futuro, promessa de criatividade. O modelo econômico em ascensão, o capitalismo, e a emergência da burguesia como poder político fazem parte do arcabouço de mudanças que marcam os novos olhares sobre a criança e o jovem a partir deste período.

Assim, pelas suas próprias características, a sociedade capitalista não pode deixar de valorizar a juventude. Todavia, permanece a ambivalência da relação antropológica; o futuro pode ser igualmente o tempo do desperdício, pelo filho, do capital familiar acumulado por várias gerações. Nessa forma de relação entre gerações, novamente é preciso proteger o jovem dos perigos da sociedade. Cabe à escola cumprir esse papel, bem como a função de ensinar aos jovens os conhecimentos necessários para eles promoverem aquele desenvolvimento econômico, social e pessoal que a sociedade moderna definiu como objetivo prioritário a ser visado (CHARLOT, 2006, p. 11-12).

Charlot (2006) analisa que quanto maior o desenvolvimento de uma sociedade, mais longo será o tempo em que o jovem precisará frequentar a escola. Destaca que no século XIX foram as crianças que deixaram a vida produtiva, no meio do século XIX foram os adolescentes e hoje em dia o movimento de afastamento e de escolarização atinge a faixa etária dos pós-adolescentes (15-20 anos) e jovens adultos (20-25 anos). Diante desse quadro surge uma nova categoria etária “a juventude”, construção sócio-histórica da sociedade capitalista.

Esses jovens deparam-se com a situação de dependência característica das crianças e dos adolescentes, ao passo que já são biológica, física e intelectualmente adultos. Além do mais, a valorização da juventude acabou por atropelar a figura do próprio adulto e bagunçar ainda mais um pouco a ordenação das etapas da vida. (CHARLOT, 2006, p. 12).

Para uma melhor compreensão deste fenômeno nos aponta algumas evoluções articuladas umas às outras que mostram a complexidade da relação de gerações que une e opõe jovens e adultos:

- A reestruturação e a globalização da economia que, acirrada a partir dos fins dos anos 70, geram desemprego e leva os jovens a permanecerem mais tempo na escola ou na universidade. Os jovens visam a diplomas mais altos e para que isso ocorra necessita permanecer mais tempo na escola. Torna-se mais longo o tempo que o jovem adulto fica afastado da vida ativa, alonga-se o período da juventude;
- Pelo menos na ideologia, constata-se uma *juvenilização* dos valores sociais e profissionais. Presencia-se o florescer de uma sociedade que valoriza o desenvolvimento e com ele a necessidade de valorizar e consumir o que é novo, bonito, recusando a frustração e alimentando a satisfação de novos desejos. Surgem discursos nos quais flexibilização, inovação e mobilidade tornam-se a tônica como exigências relacionadas à renovação rápida das técnicas, dos instrumentos de trabalho e dos produtos, mas também aos novos modos de gestão de pessoal. Com fama de mudar constantemente e adaptar-se com facilidade ao novo o jovem torna-se alvo dos discursos da globalização que associam a venda e a fabricação de produtos à ideia de juventude. Estes ideais associados à juventude também é esperado dos adultos, promovendo alterações significativas no seu

modo de vida desde o comportamento, valores e, principalmente, à necessidade criada de se manter sempre jovem.

- Esse processo de *juvenilização* a que estão expostos jovens e adultos enfraquece os dispositivos e sistemas de socialização dos jovens. Afeta fortemente a família e o seu papel na sociedade. Esta tornou-se um espaço de solidariedade e um lugar de relaxamento frente às pressões profissionais, escolares e sociais mais do que uma instância de inculcação de normas. Esta grave alteração nas relações parentais provoca uma falta de modelos realmente adultos que contribuam para o jovem estruturar-se. O modelo juvenil de comportamento sexual, afetivo, cultural e social adotado por muitos adultos levou-os, em grande parte, a renunciar ao exercício da autoridade para com os jovens.

Diante destes novos rumos que a convivência entre gerações desencadeou na contemporaneidade, verifica-se que,

hoje em dia cada um tem que construir-se a si mesmo, em um ambiente familiar e social que pode ser lido seja como mundo da liberdade seja como mundo abandonado pelos adultos. Esses jovens estão à espera de palavras adultas, referências sólidas, normas que ajudem a guardar o controle da sua vida. (CHARLOT, 2006, p. 14).

Numa sociedade na qual os adultos adotam modelos juvenis de comportamento social, afetivo, sexual, cultural, acabam por, de certo modo, renunciar à função de exercício da autoridade para com os jovens. Assim, faltam modelos adultos que possam contribuir para o jovem estruturar-se adequadamente tendo em vista padrões e normas de comportamento sólidos. Nesse processo de construção de si os jovens se vêem envoltos em paradoxos vividos pelos jovens, paradoxos estes destacados por Charlot (2006):

- Constata-se ao mesmo tempo uma juvenilização dos valores sociais e profissionais e uma adultização dos jovens;
- Os jovens estão à espera de normas adultas e a sociedade adulta valoriza a juventude como norma;
- O discurso do empresariado ressalta a inovação, a flexibilidade, a mobilidade, a disponibilidade, isto é, características atribuídas aos jovens, mas os empresários

resistem em contratar jovens trabalhadores alegando que a esses faltam experiência;

- As novas formas da vida sexual, conjugal, familiar fazem com que, já na faixa etária dos 15-19 anos, muitos jovens tenham parceiros de vida e, às vezes, responsabilidades de pai e, sobretudo, de mãe. Conseqüentemente, o jovem assume responsabilidades e compromissos de adultos antes de ter os recursos financeiros por esses requeridos, o que fragiliza a vida do casal e contribui para que a precariedade se espalhe da vida profissional à vida privada.

A noção de precariedade expressa bem o que vivem muitos jovens, tanto no âmbito socioprofissional como na vida privada.

A juventude é o período em que o jovem adulto vive, sob uma forma precoce e particularmente intensa, aquela experiência da precariedade e da mobilidade (conjugais e socioprofissionais), que passaram a ser um marco da vida, inclusive adulta, nas sociedades modernas. O indivíduo sai desse período quando ele mesmo, seus familiares e as autarquias sociais consideram que alcançou um patamar de estabilidade, pelo menos provisória e que pode esperar ficar bastante tempo no seu emprego, ter o projeto de gerar e criar filhos e até pedir ao banco um empréstimo de longo prazo. (CHARLOT, 2006, p. 15).

Quanto à função da juventude moderna este autor nos orienta que nesta etapa da vida, o jovem e o adolescente já aprenderam várias coisas na escola e na universidade, resta vencer a prova da precariedade e da mobilidade para poderem assumir plenamente o estatuto de adulto na sociedade moderna globalizada.

Ao dizer que devemos falar de juventude no plural Charlot (2006) quer dizer que devemos destacar três versões da relação sócio-histórica que define juventude: 1) A que está se preparando para ocupar uma vaga no mercado de trabalho. Geralmente jovens pertencentes à classe média e que freqüentam a universidade. Dependem do apoio da família ou da possibilidade de trabalharem e de estudarem ao mesmo tempo enquanto almejam um futuro feliz, baseado nas conquistas que a educação pode proporcionar. Eles/as estão em fase de preparação e de espera; 2) A juventude vulnerável, descartada, abandonado e/ou entregue à políticas públicas paternalistas e assistencialistas. É descartada geograficamente, escolarmente, socialmente. Neste caso também é difícil falar em transição, pois não sabe aonde vai nem aonde deveria ir; 3) A juventude que pode ser definida pela dupla

transição/precariedade. É uma população de jovens que tenta entrar no mercado de trabalho estável. O autor salienta que quando ele consegue alcançar este objetivo pode-se falar de transição, transição este que assemelha-se a uma luta dos jovens para impor aos adultos o seu direito ao trabalho e à independência.

### **Alguns Resultados de Pesquisa: O que Pensam, Sentem e Fazem os/as Jovens Sergipanos**

Um conhecimento mais aprofundado sobre os jovens sergipanos foi proporcionado após as análises desenvolvidas pelo prof<sup>o</sup> Charlot (2006). Devido às restrições pertinentes a um artigo acadêmico no que se refere à sua extensão, neste trecho apresentar-se-á apenas algumas destas análises, consideradas necessárias à construção do marco teórico, como já foi dito, da pesquisa de doutorado ora em andamento. Para saber a relação existente entre a geração juvenil segundo o seu próprio ponto de vista foi perguntado como os próprios jovens sergipanos definem a juventude. Neste sentido, os/as jovens de Sergipe estabelecem como limite etário de sua geração a idade de 12 anos como início da juventude, sendo a mediana de 14 anos de idade, o que está próximo do patamar biopsicológico adotado pela ciência. Com relação à idade a partir da qual se deixa de ser jovem varia de 11 e 56 anos!!! Contudo a maioria delas se concentram entre 18 anos e 25 anos e a mediana situa-se entre 19 e 20 anos. (p. 346).

Em resumo, os próprios jovens sergipanos consideram que a juventude começa pelos 12 e termina pelos 25 anos de idade. O autor descartou “a primeira adolescência, incluída na juventude por parte dos jovens e prolongamos a juventude até os 29 anos, como faz uma pequena parte dos jovens”. Apesar das discrepâncias, acredita que “não houve contradição frontal entre os limites da juventude na representação dos próprios jovens e na sua pesquisa”. (CHARLOT, 2006, p. 346).

Perguntados sobre o que melhor define um jovem nos dias de hoje verificou-se que em cada 10 jovens, pelo menos quatro consideram que, antes de tudo, a moda e a aparência é o que os define. De acordo com Charlot (2006) esta resposta pode ser considerada como uma expressão da própria juventude: o jovem é novo (moda) e lindo (aparência), como também pode ser considerada “reflexo do discurso social, em particular do discurso da propaganda, que utiliza a imagem do jovem para fazer propaganda dos produtos novos oferecidos no

mercado, bem como de produtos mais antigos representativos da juventude”. As duas respostas convergem uma vez que o jovem que quer assumir a sua juventude deve acompanhar a moda e cuidar da aparência.

A linguagem e a música aparecem em segundo e terceiro lugar como definição do que é ser jovem. Isto porque, “na representação moderna da juventude, os jovens têm a sua forma particular de fala, gostam mais do que os outros da música, introduzem novas formas de música, adotadas mais tarde pelos adultos” (CHARLOT, 2006, p. 350).

A juventude como representação de força e criatividade são citadas em quarto e quinto lugar, complementando uma ideia de representação focalizada na moda e na aparência. Por conseguinte,

todos essas características remetem aos ingredientes do discurso de juvenilização da sociedade moderna: a moda, a aparência, a força ou a agilidade, a liberdade de linguagem, a música, a criatividade. Elas abrangem 62,1% das primeiras escolhas dos jovens. Portanto, pode-se dizer que são sensíveis ao discurso da juvenilização. Quem quer ser jovem deve moldar-se nessa representação. O que não é sempre fácil, inclusive quando se está com vinte anos. (CHARLOT, 2006, p. 351).

Os jovens entrevistados recusam a imagem de jovem leviano e irresponsável e até a imagem de jovem que contesta a ordem social e, a essa representação, opõem a do jovem responsável e que cumpre seus compromissos. Em síntese,

O jovem deve, ao mesmo tempo, acompanhar a moda, cuidar de sua aparência, estar a par das várias formas musicais no ar, ser criativo e ser consciente, responsável, estável, bem comportado. Sendo que a pressão para cumprir as exigências dessa representação, em si tensa, não é (apenas) externa, é também interna: são os próprios jovens sergipanos que definem o jovem dessa forma. (CHARLOT, 2006, p. 351).

Duas outras características complementam a representação do que é ser jovem: a falta de perspectiva e a insegurança pessoal e social. O que demonstra a preocupação do jovem com o presente e com o futuro. É inegável que, hoje em dia, os jovens sergipanos já não vivem em um mundo protegido da violência: 34,5% deles sofreram uma agressão nos dois últimos anos, 11,5% foram assaltados, sendo ainda pior a situação para os rapazes e para as jovens de Aracaju. Todavia, é inegável também que a maioria dos jovens sergipanos não foram agredidos, sob qualquer forma que seja, nesses dois últimos anos. Numa situação dessas, não é pertinente raciocinar de modo binário (agredido ou não agredido), uma vez que os que não foram agredidos sabem que poderiam ter

sido ou que podem ser vítimas no futuro, o que gera um sentimento de insegurança, que, de certo modo, já constitui uma agressão psicológica. Sendo assim, passa-se de forma gradual da posição em que o jovem se sente seguro à posição em que já foi assaltado e se sente ameaçado, inclusive dentro de casa. (CHARLOT, 2006, p. 571).

O sentimento de insegurança é freqüente entre os jovens sergipanos, tão espalhado que chega a acometer jovens de cidades pacatas. Entre os jovens, a violência é, antes de tudo, uma ameaça, um risco, um ambiente, uma espada, ameaças que atrapalham a vida, mesmo que nada aconteça com eles próprios. O sentimento de insegurança é tanto maior que os jovens não se sentem protegidos pela polícia, como confirmam jovens que consideraram viver em lugares perigosos. (CHARLOT, 2006:575).

A violência não é apenas um assunto de que se fala, não é apenas uma ameaça, é também um evento de que foi vítima o jovem ou alguém dos seus conhecidos, amigos ou família. Cerca da metade dos jovens aracajuanos sofreu uma agressão nos dois últimos anos, 23% deles foram assaltados. Essas vítimas têm irmãos, amigos, colegas, a quem falam de agressão, sendo assim, deixa de ser um fenômeno abstrato, uma notícia no jornal, um caso a mais nas estatísticas, para tornar-se um fenômeno concreto, vivido por alguém que relata medo, angústia, sofrimento. A situação não é tão grave em outros municípios, mas apesar de tudo, são 35% dos jovens aracajuanos que sofreram uma agressão nos dois últimos anos, o que é mais que suficiente para espalhar um sentimento de insegurança pelo Estado todo. (CHARLOT, 2006, p.575-576).

Estimulados a apontarem o problema mais grave do Brasil os jovens recusaram-se a escolher apenas um entre os vários problemas indicados pelo entrevistador. É que o Brasil sofre quase todos esses problemas, explicaram os jovens dos grupos focais. Quando aceitaram optar por um problema entre tantos, indicaram em primeiro lugar o desemprego e a pobreza, a seguir, a fome, a violência, a corrupção e a desigualdade social. Pouco citados são o narcotráfico, provavelmente por ser um problema mais teórico do que presente na vivência dos jovens, e a poluição. A questão ecológica não consta na lista das maiores preocupações dos jovens sergipanos. (CHARLOT, 2006, p.606).

Mediante o que foi identificado durante o processo de pesquisa, o autor conclui que pode-se dizer que esses jovens têm um problema em comum, qualquer que seja o grau de escolaridade ou a sua classe econômica: o desemprego. Além disso, os mais pobres ou menos

instruídos sofrem a experiência concreta da pobreza e da fome, enquanto os mais ricos ou instruídos temem a violência e lamentam fenômenos sociais já mais teorizados, ou seja, a corrupção e a desigualdade social. Cabe ainda reparar que os jovens mais favorecidos falam em termos de desigualdade social e menos em termos concretos de pobreza ou fome, ao passo que os desfavorecidos usam pouco a expressão “desigualdade social” e bastante a referência à fome e à pobreza. Vale também notar que a corrupção não é uma preocupação muito forte dos jovens de classe E ou analfabetos e tampouco a falta de educação. (CHARLOT, 2006, p.608-609).

### **Considerações**

Os dados levantados nesta pesquisa mostraram-se reveladores de quem são e de como os/as jovens sergipanos/as representam a si próprios, os demais jovens e a realidade social que os cerca. Ao destacarem preocupações como desemprego, a pobreza e a falta de segurança mostram que estão percebendo objetivamente os problemas e as dificuldades cotidianas no contexto histórico em que vivem.

Acredito que este perfil aprofundado será pertinente para alavancar análises posteriores no campo empírico no qual desenvolvo a pesquisa de doutorado devido à representatividade da amostra, da abrangência territorial da pesquisa ora analisada, assim como das falas dos/as jovens entrevistados/as.

### **Referencial**

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

CHARLOT, Bernard. **Juventudes sergipanas**. Aracaju: J. Andrade, 2006.

UNESCO. Políticas públicas de/para/com juventudes. Brasília, edições UNESCO Brasil, 2005.

<http://www.planalto.gov.br/secgeral/juventude/juventude.htm> Acesso em 18/8/2010.

**Dados de identificação da autora:** Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – Núcleo de Pós-Graduação em Educação; Assistente Social, Professora de Educação Física da rede pública estadual de ensino.